

Praticando e incluindo: facilitadores comunicativos e a prática da Libras - língua brasileira de sinais

Isabela Marquini Soares¹

Kellyson Alves Teixeira²

Mariana Cristina de Carvalho Guedes³

Sônia Cupertino de Jesus⁴

Resumo

Objetiva-se entrelaçar os recursos expressivos citados na Lei 10.436/02 com as especificidades das pessoas surdas por meio de alguns facilitadores comunicativos. Realça-se a importância de uma comunicação leve para facilitar o diálogo e o entendimento entre pessoas não ouvintes e ouvintes. Enfatizam-se alguns saberes referentes à Libras, demonstrando como facilitadores visuais, tais como gravuras, desenhos e imagens coloridas, podem ampliar o cognitivo e promover uma socialização inclusiva. Estratégias metodológicas foram aplicadas nos encontros teóricos e na oficina ao utilizar os facilitadores por meio de aulas expositivas e práticas. Reflexões pontuaram a importância da convivência com todos para fortalecer os laços comunicativos entre ouvintes e surdos. A metodologia perpassou por leituras, convivências, rodas de conversa e a participação de alguns surdos. A oficina contou com quatro surdos e cinco ouvintes, comprovando que os facilitadores comunicativos, juntamente com a Libras, enriquecem o ensino, ampliam o entendimento e possibilitam uma comunicação agradável para todos. O resultado foi perceptível quando os surdos entenderam que o vocabulário “superior” se referia ao ensino e não a uma característica pessoal. Os ouvintes envolvidos perceberam que é possível uma comunicação clara com os não ouvintes. Resultados? Ficou claro que, quando o facilitador comunicativo conhece a língua portuguesa, a cultura e a primeira língua dos surdos, facilita e clareia o sentido das palavras, direciona o funcionamento da escrita e, ainda, contribui para que o ambiente seja leve e totalmente sociável. Resultados esperados: continuar inovando com palestras, rodas participativas e oficinas para ampliar saberes com ênfase na Língua Brasileira de Sinais.

Palavras-chave: Acolhimento; Comunicação; Facilitadores; Libras.

¹ Graduanda em Psicologia. UniAcademia – Centro Universitário. Brasil, MG. isabelamsoares7@gmail.com

² Graduando em Psicologia. UniAcademia – Centro Universitário. Brasil, MG. kellysonteixeira@gmail.com

³ Graduanda em Psicologia. UniAcademia – Centro Universitário. Brasil, MG. maricarvalho.guedes@gmail.com

⁴ Mestre. Professor(a) orientador(a), docente dos cursos de Ciências biológicas e Psicologia da UniAcademia – Centro Universitário. soniajcuper@gmail.com

Abstract

The objective is to intertwine the expressive resources mentioned in Law No. 10,436/02 with the specificities of deaf people through communicative facilitators. It highlights the importance of light communication to facilitate dialogue and understanding between deaf and hearing people. It emphasizes certain knowledge related to Libras, demonstrating how visual facilitators, such as illustrations, drawings, and colorful images, can broaden cognition and promote inclusive socialization. Methodological strategies were applied in theoretical meetings and in the workshop by using these facilitators through expository and practical classes. Reflections highlighted the importance of co-existence with everyone to strengthen communicative bonds between hearing and deaf individuals. The methodology included reading, shared experiences, conversation circles, and the participation of some deaf individuals. The workshop included four deaf and five hearing participants, demonstrating that communicative facilitators, together with Libras, enrich teaching, broaden understanding, and enable pleasant communication for all. The result was noticeable when the deaf participants understood that the vocabulary term “superior” referred to education rather than a personal characteristic. The hearing participants realized that clear communication with non-hearing individuals is possible. Results? It became clear that when the communicative facilitator knows the Portuguese language, the culture, and the first language of deaf people, this facilitates and clarifies the meaning of words, guides the functioning of writing, and contributes to an environment that is light and fully sociable. Expected results: to continue innovating with lectures, participatory circles, and workshops to expand knowledge with an emphasis on Brazilian Sign Language.

Keywords: Welcoming; Communication; Facilitators; Libras.

LEIA EM LIBRAS ACESSANDO O



QR CODE AO LADO OU O LINK:

<https://youtu.be/W27ZDBZXpzQ>



INTRODUÇÃO

A comunicação é o eixo fundante da vida social e da constituição do sujeito. Vygotsky (2007) defende que é por meio da interação mediada pela linguagem

que o indivíduo internaliza a cultura e desenvolve suas funções psíquicas superiores. A comunicação não é apenas uma troca de informações; é o processo pelo qual o pensamento é formado. Para o sujeito surdo, o acesso pleno a esse processo é garantido pelo domínio de uma língua visuo-espacial. Como aponta Falkoski (2019, p. 1), a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é “a chave para o surdo ser ativo e participativo na linguagem”.

Sendo assim, a Libras não é simplesmente um apêndice do português, mas o modo legítimo pelo qual a experiência visual do surdo é convertida em estrutura cognitiva e social. Qualquer discussão sobre a inclusão do sujeito surdo deveria começar com a premissa de que a barreira primária a ser transposta não é a incapacidade biológica de ouvir, mas a falha do ambiente social em prover a mediação linguística adequada.

Assim que o nascimento acontece, a jornada social se inicia. Somos entrelaçados por muitas demandas, por exemplo, o histórico familiar, as culturas, a história do local em que vivemos, os acontecimentos sociais, dentre outros. Dessa forma, o sujeito está em constante movimento, transformando e construindo o ser social. Portanto, em todas as fases da vida, as pessoas descobrem, aprendem e desenvolvem um meio para se comunicar.

De fato, a comunicação consiste em um dos pilares fundamentais da vida em sociedade, tratando-se de um meio pelo qual os indivíduos constroem vínculos, compartilham experiências e produzem conhecimento. No entanto, a ausência de acessibilidade linguística para essa minoria representa uma barreira à participação social e educacional plena desses indivíduos. Para que haja inclusão comunicativa, faz-se necessária a valorização da Libras – Língua Brasileira de Sinais, por ser um idioma de comunicação e expressão, conforme explicitado no artigo 1º da Lei 10.436/02: “É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados”.

Realçando os “recursos expressivos” e entrelaçando vivências e convivências com alguns surdos e ouvintes em ambientes educacionais e sociais, despontou a ideia do projeto “Praticando e incluindo: facilitadores comunicativos e a prática da Libras – Língua Brasileira de Sinais”, com o objetivo de aplicar ferramentas leves, porém inovadoras, ao atrelar os facilitadores às ludicidades expressivas e pontuais, juntamente com a Libras.

Este artigo configura-se através de uma pesquisa com olhares qualitativos, porém expressivamente descritiva, advinda do projeto de extensão Praticando e Incluindo: Facilitadores Comunicativos e a Prática da Libras – Língua Brasileira de Sinais. Por meio de um contexto de extensão, foram possíveis vivências que

especificaram as leituras e produziram oficinas participativas. Os detalhes qualitativos foram escolhidos por possibilitar uma breve análise de conteúdos subjetivos e simbólicos, que estão entrelaçados com as especificidades de um facilitador para uma comunicação inclusiva entre ouvintes e não ouvintes.

Utilizaram-se alguns teóricos, tais como Freeman (1999), Falkoski (2019), Honora (2010), Rufatto (2004, documento online), Saberes e práticas da inclusão (2005), dentre outros. Porém, sendo uma pesquisa de extensão, a metodologia e os métodos direcionaram-se para a necessidade de um projeto que pudesse gerar possibilidades de facilitar, na prática, por meio de vivências e convivências com pessoas surdas, entrelaçando essas experiências com a necessidade de conhecer um pouco da cultura da comunidade surda, ao associar alguns recursos especificados na Lei 10.436/02.

Assim, utilizou-se uma metodologia de cunho qualitativo e descritiva, que contemplou alguns saberes e olhares para facilitadores comunicativos por meio de uma oficina reflexiva com a participação de quatro surdos e cinco ouvintes, além de vislumbrar, para os próximos semestres, outras oficinas com ênfase no bilinguismo e um possível catálogo, guia ou portfólio ilustrativo.

PRATICANDO E INCLUINDO: FACILITADORES COMUNICATIVOS E A PRÁTICA DA LIBRAS

O processo de inclusão comunicativa no Brasil está respaldado legalmente pela Lei nº 10.436/2002, a qual estabelece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação e expressão das pessoas surdas, e é regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005, o qual define a inserção da Libras no sistema educacional, bem como a formação de profissionais capacitados para seu uso. Além disso, existe no país a Lei nº 13.146/2015, conhecida como Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, que garante a acessibilidade linguística e comunicacional como condição essencial para o exercício da cidadania.

A criação dessas leis consistiu em um avanço significativo na garantia dos direitos linguísticos, assegurando o acesso à educação e legitimando a Libras como expressão cultural e identitária da comunidade surda. Apesar disso, a comunidade surda ainda enfrenta grandes dificuldades no convívio social e comunicativo.

Em sentido mais amplo, a inclusão seria garantir o direito de participar, expressar e ser compreendido, sendo a comunicação o meio pelo qual isso se concretizaria. Dessa forma, a interação seria o núcleo das relações sociais e do desenvolvimento humano, devido ao fato de ser por meio dessas trocas que o sujeito se constitui e aprende (Ferreira; Bastos, 2025). Na perspectiva da educação e da

cidadania, garantir o direito à comunicação é assegurar o direito de participar ativamente na sociedade, como já pontuado. Uma inclusão social não se limita apenas à inserção física do indivíduo nos espaços comuns, mas inclui-lo de tal modo que possibilite a troca de sentidos e a construção conjunta do conhecimento.

Silveira e Campello (2015) enfatizam que, por meio de experiências em escolas bilíngues, a comunicação visual e gestual permite a verdadeira interação entre surdos e ouvintes, o que reforça o papel da Libras como língua materna dos surdos. Também possibilita que os “facilitadores positivos” possam direcionar o processo comunicativo de forma clara e propiciar uma aprendizagem significativa para todos, especialmente para os surdos.

De fato, a inclusão comunicativa não deveria ser apenas uma exigência legal, mas um princípio social e humano.

Alguns saberes sobre a importância da língua brasileira de sinais

Promulgada em 24 de abril de 2002, a Lei 10.436/02 estabelece, no artigo 1º: “É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais e outros recursos de expressão a ela associados”. Assim, refletiu-se, de acordo com as leituras, que o lúdico poderia ser um aliado e facilitador para pessoas com especificidades comunicativas, em geral, porque, ao entrelaçar as dimensões propostas pela ludicidade por meio do imaginário, das brincadeiras e de diferentes culturas, os surdos podem interagir com mais compreensão, estabelecer uma comunicação significativa e desenvolver habilidades produtivas que promovam uma socialização mais tranquila.

Segundo Nascimento e Silva (2022), a Libras e a cultura surda ainda são desconhecidas por grande parte da população brasileira, o que se constitui como um obstáculo à inclusão desses indivíduos na sociedade. Assim, é correto afirmar que somente a presença de dispositivos legais não é suficiente para a eliminação de barreiras, pois, para que uma inclusão efetiva aconteça, é necessário haver diálogo, cooperação e reconhecimento das diferenças (Brittos; Ricardo, 2023). Nesse formato, o ensino da Libras atrelado aos facilitadores comunicativos poderá facilitar a comunicação entre ouvintes e não ouvintes, como, por exemplo, a utilização de expressões faciais e corporais, gravuras, desenhos, dentre muitos outros.

A comunicação, nesse contexto, é o que humaniza o processo de inclusão, ao transformar o encontro entre ouvintes e não ouvintes em aprendizado mútuo e reconhecimento das diferenças. Entretanto, para que essa inclusão aconteça, é

preciso que haja a presença de ferramentas leves capazes de mediar esses encontros – no caso, os facilitadores comunicativos, que podem facilitar a convivência ao propiciar um bom diálogo. Respeitar as demandas linguísticas e culturais de cada grupo, juntamente com a utilização de ferramentas estratégicas, poderá ampliar possibilidades de inclusão pacífica entre surdos e ouvintes.

De fato, compreender que a Língua Brasileira de Sinais é um dos principais instrumentos de efetivação da inclusão, ao entrelaçar o reconhecimento das diferenças e, principalmente, ao estabelecer uma comunicação livre de truncamentos, com participação ativa tanto de pessoas ouvintes como não ouvintes, torna possível uma vida coletiva mais significativa para todos e entre todos.

Silva e Galizia (2025) afirmam que a entrada e permanência de indivíduos surdos em ambientes sociais dependem de mudanças atitudinais e culturais, por meio do reconhecimento da surdez como diferença, e não como deficiência. Dessa forma, a Libras, ao permitir o acesso à comunicação, torna-se um instrumento de emancipação social, uma vez que viabiliza que essas pessoas expressem suas ideias, reivindiquem direitos e participem das decisões que as afetam.

Silveira e Campello (2015) apontam que, ao utilizar ferramentas pedagógicas adequadas, é possível ampliar o vocabulário tanto da Libras quanto da Língua Portuguesa. Sem dúvida, isso facilitaria o envolvimento e a interação entre surdos e ouvintes. Dessa forma, a inclusão mediada pela Libras rompe com a lógica da deficiência para promover uma lógica das diversidades. Ela é, portanto, um instrumento de integração cultural, que favorece a aprendizagem, a empatia e o respeito à diferença. É perceptível que, ao possibilitar que o surdo se expresse e compreenda o mundo à sua maneira, dentro de sua cultura, a Libras transforma o espaço social em um lugar de pluralidade, onde o direito à comunicação e à identidade pode ser plenamente reconhecido.

Infelizmente, os próprios espaços educacionais e sociais se encontram, em sua grande maioria, despreparados para garantir uma comunicação eficiente. Brittos e Ricardo (2023) apontam que muitas instituições ainda tratam a surdez como deficiência, e não como diferença cultural, o que dificulta o reconhecimento da Libras como língua legítima de ensino e de convivência. Outro desafio enfrentado é a ausência ou pouca difusão dos facilitadores comunicativos que, apesar de serem comprovadamente eficazes em promover a interação e o aprendizado, muitas vezes são recursos desconhecidos ou pouco utilizados.

Portanto, faz-se necessário ampliar sua aplicação em espaços públicos, culturais e comunitários, tornando a comunicação acessível e investindo na formação continuada e na sensibilização social.

Uma breve reflexão sobre alguns facilitadores comunicativos

Uma comunicação acessível, mediada pela Língua Brasileira de Sinais, constitui um dos principais pilares da inclusão de pessoas surdas nos diversos espaços sociais e educacionais. Ferreira e Bastos (2025) pontuam que a inclusão de alunos surdos no ambiente escolar ainda é mais formal do que real. Apesar da existência de uma lei que obriga as escolas a receberem e auxiliarem esses indivíduos, a efetivação encontra barreiras como dificuldades comunicativas e falta de mediação adequada, o que evidencia a importância da acessibilidade linguística como forma de garantir a participação eficaz desses sujeitos.

Tem sido perceptível que a obrigatoriedade das leis não é sinônimo de comunicação inclusiva. Contudo, por meio das vivências e convivências com alguns surdos, ficou claro que simples, porém enfáticos, facilitadores comunicativos, que também englobam ferramentas visuais, expressivas e gestuais, como uso de desenhos, expressões faciais, gestos, tecnologias, dentre outros, favorecem uma compreensão mútua e clara e, ainda, promovem uma convivência leve e prazerosa entre ouvintes e não ouvintes.

Ferreira e Bastos (2025) ressaltam que a comunicação é condição essencial da aprendizagem e do desenvolvimento humano e que a mediação é o elemento que transforma a troca em construção de sentido. Assim, os facilitadores comunicativos, que podem representar essa mediação concreta, são instrumentos que podem romper barreiras linguísticas, ao transformar o processo comunicativo em experiência sensorial, visual e simbólica.

De acordo com Silveira e Campello (2015), recursos como materiais didáticos em Libras, imagens, dramatizações e expressões faciais auxiliam na aprendizagem e na aproximação entre surdos e ouvintes, pois tornam a comunicação mais acessível e dinâmica. Eles, portanto, não substituem a Libras, mas a potencializam, permitindo que a comunicação aconteça mesmo quando há limitações linguísticas.

Cientes de que a comunicação é um fenômeno multimodal – composto de sons, gestos, imagens e emoções – e que a inclusão depende de integrar esses modos de expressão de forma ética e respeitosa, compreende-se que ela só é possível quando a comunicação é adaptada às necessidades dos sujeitos envolvidos, respeitando ambas as partes (Nascimento; Silva, 2022). Explicando um pouco mais esse conceito, Lima e Lima (2024) explicitam que a qualificação profissional e o uso de recursos visuais contribuem para uma educação mais acessível e participativa, porque podem ampliar o papel da mediação, mostrando que qualquer sujeito pode ser um agente de inclusão ao utilizar ferramentas comunicativas

adequadas ao contexto e à diversidade linguística presente.

Isso não deveria estar presente apenas no ambiente escolar, mas também nos mais diversos contextos sociais e familiares. Desse modo, os facilitadores comunicativos funcionam como pontes simbólicas entre mundos linguísticos distintos, e seu uso em ambientes educacionais, familiares e sociais pode contribuir para a construção de uma cultura inclusiva, na qual o diálogo é sempre possível, mesmo na ausência da linguagem oral.

Outro fator importante no uso dos facilitadores comunicativos é o respeito à diversidade e à cultura surda, pois cada gesto, expressão ou recurso visual utilizado é também uma forma de validar o modo de ser e de se expressar dessa minoria. É perceptível que uma inclusão eficaz ocorre quando o surdo é visto como sujeito de uma cultura e de uma língua gesto-visual (Brittos; Ricardo, 2023). Reforçando, Silveira e Campello (2015) explicitam que o uso de recursos visuais e expressivos ajuda a valorizar a identidade surda, pois cria oportunidades de interação em que o surdo é protagonista da comunicação, e não mero receptor.

Entrelaçando algumas possibilidades: Libras e facilitadores comunicativos na promoção de uma comunicação leve e produtiva

Os Parâmetros Curriculares Nacionais simbolizam uma proposta que visa esclarecer, de maneira eficaz, as políticas educacionais que existem nas diferentes áreas do território, contribuindo para a atualização e qualidade da educação, ao imprimir uma concepção de cidadania que ajuste o aluno à realidade e à demanda do mundo contemporâneo.

Com esse olhar, foi perceptível que a surdez pode gerar diferentes impactos na comunicação, visto que as dificuldades advêm da ausência de uma língua igualitária entre surdos e ouvintes. Sem a devida compreensão e, na maioria das vezes, por não conseguirem se expressar adequadamente, as intenções comunicativas desses indivíduos apresentam grandes desafios.

Fortalecendo a importância da utilização do lúdico no processo de ensino e/ou comunicativo, Friedmann (2006) explica que a praticidade do lúdico, isto é, a utilização de ferramentas diferenciadas para construir uma comunicação que possa ampliar o desenvolvimento de saberes diversos, precisa deixar de ser um processo inconsciente para ser trazido à consciência, como linguagem simbólica essencial ao desenvolvimento do ser humano. Como exemplo, Lopes (2001) discorre sobre a ludicidade e a eficácia dos jogos: “todos os jogos que exijam antecipação, planejamento e estratégia estimulam a criança a raciocinar”. Com essa reflexão, os facilitadores visuais, as imagens coloridas e as gravuras indicam que

saber associar o desenho aos textos, utilizar jogos interativos e histórias infantis e reflexivas poderá facilitar a construção de um diálogo, transmitir saberes diversos e possibilitar uma comunicação livre de truncamentos, que possa direcionar conhecimentos e gerar uma aprendizagem significativa.

É fundamental reconhecer que a responsabilidade pela inclusão é compartilhada. O ouvinte comum pode e deve usar práticas facilitadoras que convertam a “barreira do som” em “ponte visual” (Falkoski, 2019), mesmo sem ser fluente. Essas práticas baseiam-se na empatia visual e na intencionalidade comunicativa. Lopes (2001) afirma que “prever, calcular e montar uma estratégia são aspectos de raciocínio fundamentais para a ampliação da visão de mundo do indivíduo”. É perceptível a importância dos facilitadores comunicativos ao direcionar esses olhares para uma comunicação livre de truncamentos.

Exemplo de facilitadores comunicativos:

Figura 1 – Algumas expressões faciais



Fonte: [http:// https://www.shutterstock.com/pt/](http://https://www.shutterstock.com/pt/)

Facilitando com o alfabeto manual Ilustrado:

Figura 2 – Representação ilustrada das letras do alfabeto manual para apoio à articulação em Libras



Fonte: http://www.alfabetoslindos.com/2012/03/alfabeto-em-libras-colorido.html#google_vignette

Utilizando a Libras e facilitando ao ilustrar: Alguns sinais de família

Figura 3 - Exemplo de sinais em Libras empregados para atribuir significado a vocabulários de distintas categorias



Fonte: https://www.google.com/search?q=sinais+de+familia+em+libras&sca_esv=f46

Assim, os facilitadores sendo pontuais, coloridos, expressivos, com a grafia dos vocabulários atrelados aos desenhos, imagens, objetos e, quando houver possibilidades, priorizar as configurações e os sinais, em Libras, certamente os surdos irão se sentir acolhidos em todo e qualquer ambiente. Ainda mais se entrelaçar os facilitadores comunicativos (Expressão facial e corporal) com a noção de espaço, reflexões interpretativas para um acolhimento inclusivo, ampliando aplicabilidades contextuais através de uma comunicação flexível, espontânea, porém direcionada para o crescimento do indivíduo Surdo. Exemplificando por meio de uma oficina

Especificamente, por meio da leitura e explanação do artigo 4º da Lei 10.436/02, que pontua:

O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.

Foi perceptível a necessidade de ir além da tradução literal, focando na mediação conceitual, evidenciada por vivências práticas. Em uma oficina do projeto, ao ser apresentado o termo “superior” a um grupo de participantes surdos, um dos indivíduos questionou se o termo se referia à arrogância ou à soberba. O participante repetia o sinal para “superior”, acompanhado de expressões faciais que remetiam a orgulho e nariz empinado, demonstrando profunda confusão semântica entre o sentido acadêmico (nível hierárquico de ensino) e o sentido

social/moral (sentimento de superioridade).

O bloqueio comunicativo era claro: o surdo acessava o sinal morfológico de “superior” (em conotação física ou moral), mas não o conceito abstrato-acadêmico implícito no português. Embora o intérprete passasse os sinais, os surdos não entendiam com clareza o real sentido de “superior” intrínseco no parágrafo. Porém, com empatia, cordialidade e expressividade, a professora, que domina a Língua Brasileira de Sinais e ministrava a oficina, mediou a comunicação entre ouvintes e não ouvintes ao utilizar estratégias facilitadoras e expressivas, agindo como “professora conceitual no aqui e agora”.

Em vez de simplesmente repetir o sinal correto, reestruturou a explicação por meio da contextualização hierárquica. Sinalizou o ciclo de ensino, começando pela base (educação infantil, ensino fundamental e médio) e, com empatia e paciência, utilizou analogia visual e espacial para demonstrar a progressão (subindo um degrau) e, só então, apresentou o ensino superior como o topo da escada formal. Conhecedora da cultura visual dos surdos e pesquisadora da gramática da Libras, usou múltiplos exemplos para descrever instituições e profissões que exigem esse nível de ensino.

Essa intervenção levou a uma compreensão plena e partilhada por todos os surdos presentes, reforçando que o projeto *Praticando e incluindo: facilitadores comunicativos e a prática da Libras* não tem como prioridade apenas a sinalização, mas a construção de pontes conceituais ao utilizar o arcabouço visuo-espacial da Libras, com o objetivo de construir conhecimento que possa gerar aprendizagem significativa. Foi satisfatório observar que participantes surdos, que antes estavam em uma área de incompreensão, tiveram seus pensamentos elevados do concreto ao abstrato pela mediação intencional e leve dos facilitadores comunicativos.

De fato, o acolhimento, no âmbito educacional, social ou familiar, perpassa por olhares inclusivos que produzam uma comunicação efetiva por meio da Libras, juntamente com recursos atrelados aos facilitadores comunicativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este projeto, ficou a certeza de que ferramentas facilitadoras e estratégicas, quando utilizadas corretamente para estimular a inclusão e a empatia entre ouvintes e não ouvintes, priorizando a Libras, mesmo entre aqueles que ainda não a conhecem ou estão em processo de aprendizado, podem traduzir ideias, emoções e significados de forma verbal, não verbal ou visual, possibilitando compreensão entre pessoas com particularidades linguísticas distintas.

Compreendeu-se que a Libras permite o acesso à comunicação com clareza, tornando-se instrumento de emancipação social, ao viabilizar que essas pessoas expressem suas ideias, reivindiquem direitos e participem das decisões que as afetam. Trata-se também de ferramenta poderosa para romper barreiras sociais e atitudinais que, historicamente, marginalizaram essa minoria. Mesmo com o reconhecimento da Libras como língua oficial e com esforços para ampliar a acessibilidade comunicativa, a inclusão ainda se depara com inúmeros desafios, dentre os principais: falta de preparo de profissionais para acolher esses indivíduos, falta de materiais acessíveis e barreiras atitudinais que se manifestam por preconceitos, desconhecimento da cultura surda e resistência ao diálogo.

De fato, não se esgotam as possibilidades com os facilitadores comunicativos, pois, com a continuidade deste projeto, será possível produzir, por meio de oficinas, convivências compartilhadas e rodas de conversa com surdos, ferramentas como guias ilustrativos e materiais direcionadores, entre outros. Uma boa comunicação provoca descobertas, lembranças e memórias, e as coisas começam a fazer sentido. Diante dessa realidade, cabe fomentar a discussão, impulsionar novos caminhos e torná-los acolhedores para a comunidade surda. Proporcionar uma construção comunicativa perpassa pela capacidade de produzir e compreender filosofias de diferentes linguagens, priorizando o bilinguismo com facilitadores diversos.

Os facilitadores comunicativos, juntamente com a Língua Brasileira de Sinais, propiciam uma comunicação livre de truncamentos, um entendimento claro das diretrizes formativas e conceitos esclarecedores dentro das modalidades sociais e profissionais. Fica, deste estudo, a importância da continuidade efetiva e a certeza do quanto os facilitadores são necessários para diminuir distanciamientos comunicativos entre ouvintes e não ouvintes.

Referências

ALFABETO MANUAL DOS SURDOS. Disponível em: <http://www.eafmuz.gov.br/modules/noticias/documentos/alfabetomanuaisurdos.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos*. Brasília: SEESP/MEC, 2005.

BRASIL. *Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, DF, 2002.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 7 jul. 2015.

BRASIL. *Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

- BRITTOS, E.; RICARDO, R.A.F. Inclusão e Libras: o papel da mediação comunicativa no processo educativo. *Revista Educação e Linguagem*, v. 27, n. 2, p. 1-15, 2023.
- FALKOSKI, F.C. *Língua Brasileira de Sinais*. Porto Alegre: Sagah, 2019.
- FERREIRA, A.; BASTOS, J. A inclusão de alunos surdos e o papel da comunicação na mediação escolar. *Revista Educação e Inclusão*, v. 9, n. 2, p. 1-10, 2025.
- FREEMAN, R. D.; CARBIN, C. F.; BOESE, R. J. *Seu filho não escuta?* Um guia para todos que lidam com crianças surdas. Brasília: Ministério da Justiça, 1999.
- FRIEDMANN, A. *O brincar no cotidiano da criança*. São Paulo: Moderna, 2006.
- GOLDFELD, M. *A aquisição da linguagem por uma criança surda*. São Paulo: Plexus, 1997.
- LIMA, K.; LIMA, M. A importância da formação e da prática pedagógica dos intérpretes de Libras na inclusão escolar. *Revista Práticas Educacionais Inclusivas*, v. 5, n. 1, p. 8-15, 2024.
- NASCIMENTO, T.; SILVA, G. A importância do intérprete de Libras no processo de inclusão educacional. *Revista Educação Especial em Foco*, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2022.
- RODRIGUES, M.B. O papel do facilitador grupal. In: *Processos grupais*. Porto Alegre: Sagah, 2019.
- SILVA, L.; GALIZIA, M. Libras e inclusão: a importância da língua de sinais na convivência social. *Revista Diálogos Educacionais*, v. 11, n. 1, p. 1-12, 2025.
- SILVEIRA, M.; CAMPELLO, L.B. Materiais didáticos em Libras como facilitadores do processo inclusivo. *Revista Espaço*, n. 43.13, p. 221-238, 2015.
- SINAIS DE EXPRESSÕES FACIAIS. Disponível em: https://www.google.com/search?q=dese-nhos++de+express%C3%B5es+faciais+em+libras&sca_esv=f46f8e3b711902b9&udm=2. Acesso em: 20 nov. 2025.
- SINAIS DE FAMÍLIA. Disponível em: https://www.google.com/search?q=sinais+de+fami-lia+em+libras&sca_esv=f46f8e3b711902b9&source=hp. Acesso em: 20 nov. 2025.
- VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.